

por enquanto, vamos voltar para a sala e ouvir música. Temos um gramofone.

Voltamos e entramos na casa. Abdul Karim colocou um disco no fonógrafo, girou a manivela e arrumou a trompa.

Ouviu-se o som da *kamanja*<sup>1</sup> e de tambores e pratos, e logo depois o de uma melodia árabe, uma voz doce e penitente que se elevava em trinados. Abdul Karim, com o rosto radiante, refestelou-se em sua poltrona. Quando o disco terminou, ele voltou a colocar outro em seu lugar, mas a mim pareceu que a música era a mesma que já ouvíramos. E assim aconteceu algumas vezes até que comecei a entediá-me, escapando para a outra sala onde minha mãe e a velha senhora conversavam. E, visto que lá também me aborrecia, levantei-me e saí para a varanda.

Observei a piscina e o laranjal atrás dela. Uma grande lua estendia-se sobre as árvores e da piscina vinha o frescor da água. Uma ave noturna gritou nas proximidades, mas, quando o gramofone se calou, a ave também ficou quieta. Um bocejo escapou da minha boca, e eu fiquei lembrando-me com tristeza dos meus amigos do bairro, que naquele momento deviam estar assando batatas numa fogueira embaixo do poste de electricidade e surrupiando lenha do depósito da fábrica de salame que ficava nas proximidades. "Por que vim para cá?", pensei comigo mesmo.

Nahida encontrou uma estranha maneira de me despertar na manhã do dia seguinte. Eles tinham em casa um gato gordo e preguiçoso. Ela o agarrou, jogando-o em cima de mim enquanto eu dormia. Saltei da cama, pegando o gato e jogando-o no colo dela. E assim começamos o nosso segundo dia no laranjal. Eu ainda estava escovando os dentes quando Abdul Karim entrou na cozinha e perguntou:

— E o concurso de natação?

— Estou pronto, respondi.

Terminados nossa refeição apressadamente, pegamos as roupas de banho e saímos. Mamãe, a anciã e o pai de Nahida levaram algumas cadeiras para a beira da piscina, preparando-se para assistir à competição.

— Um! dois! três! gritou Nahida. E eu e Abdul Karim pulamos n'água. Talvez por causa da emoção ou por não estar acostumado com água doce, afundei na piscina como uma pedra e, até eu me reanimar e voltar à tona, Abdul Karim já estava no meio dela. Vi minha mãe inclinar-se sobre o parapeito, gritando: — Não se afobe! Nade depressa! Recomecei a nadar, mas inutilmente. Antes de eu chegar embaixo do cano que saía do motor, Abdul Karim já estava do outro lado, sentado no parapeito da piscina e torcendo o cabelo.

1. *Kamanja* — Rabeca típica, violino.

— Você ganhou de mim na piscina, disse-lhe, mas podemos competir em outra coisa, se você quiser.

— Em quê? perguntou Abdul Karim.

— Em matemática, por exemplo.

— Por que não? disse, e mandou que Nahida trouxesse lápis e papel.

Nahida trouxe. Peguei o papel e dividi-o em dois pedaços. Em cada pedaço escrevi: sete milhões, novecentos e oitenta e quatro mil, seiscentos e noventa e oito multiplicados por quatro milhões, novecentos e oitenta e seis mil, setecentos e cinquenta e nove.

— Veremos quem resolve primeiro, falei.

Abdul Karim pegou o lápis e sentou-se para escrever enquanto eu começava a calcular. Terminei antes dele e entreguei o papel ao pai de Nahida para que ele o examinasse. Verificou-se que eu errara. Abdul Karim também entregou o papel ao pai de Nahida, com o resultado da multiplicação também errado.

— Então vamos competir em conhecimentos gerais, disse eu para Abdul Karim. Por exemplo: quem descobriu a América?

— Colombo, respondeu Abdul.

— Está errado, falei. Foi Américo Vespúcio, e a América tem esse nome por causa dele.

— Ele ganhou de você, exclamou Nahida para seu tio, você vê, ele ganhou de você!

— Ele ganhou de mim na América, mas eu ganhei dele na piscina, falou Abdul Karim.

— Um dia, eu crescerei e ganharei de você também na piscina, falei para ele.

Nahida quase balançou a cabeça em sinal de assentimento, mas arrependeu-se e olhou para o tio querendo saber o que ele iria responder.

— Se você me vencer também na piscina, disse Abdul Karim, será muito ruim. Também para você, Nahida, será ruim, muito ruim. Para todos nós.

Não entendemos o que ele estava dizendo, e eu quis pedir-lhe que não filosofasse, mas, como não sabia fazê-lo em árabe, calei-me. Depois saímos para caçar lebres no laranjal.

## 2

Muitos anos se passaram desde então e veio mais um verão ao mundo.

Cansado do trabalho do ano inteiro, procurei um lugar para passar duas semanas de férias. Preparei uma pequena mala e fui para Jerusalém. Como em Jerusalém não havia vaga em pensão alguma,